

APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

SISTEMA E ONTOLOGIA NA
FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

Dando continuidade ao dossiê sobre sistema e ontologia na filosofia francesa contemporânea, apresentamos a segunda parte do projeto organizado, em francês, pelo Professor Donatien Grau, acrescentado de nossa perspectiva brasileira. A questão do caráter sistemático da filosofia, especialmente representativo de uma visão transformada e contemporânea do realismo platônico, vem marcando novamente importantes correntes na filosofia francesa desde os livros publicados por Alain Badiou no final dos anos 1980: *L'Être et l'événement* (1988), *Manifeste pour la philosophie* (1989) e *Conditions* (1990).

A questão da ontologia era, então, vinculada às teorias fenomenológicas de doação do sentido e de intencionalidade mais abrangente e menos delimitada pela questão da consciência. Na época, houve ainda uma reação criada pelo sucesso internacional da filosofia francesa estruturalista e pelas desconstruções dos objetivos iniciais destas correntes no pensamento.

Por meio de uma leitura epistemológica da história, o estruturalismo introduziu-se, como método, no terreno frágil de transformações epistêmicas e políticas.

A teoria descontinua da histórica teve consequências maiores sobre a maneira de fazer filosofia, no que diz respeito às condições de produzir um discurso coerente sobre os fundamentos da racionalidade universal. As desconstruções visaram a fazer da transformação mesma o seu próprio método, assim excluindo a ideia de fundamentos fixos, a não ser que estes, agora, sejam pensados como categorias “indesconstrutíveis”.

Por isso, na retomada da questão da ontologia, cabe se perguntar se o estruturalismo, proposta de um discurso formal linguístico-lógico para analisar processos subjacentes às grandes concretizações empíricas e conceituais, é algo que possa ser retomado, já que o principal

descobrimto das suas correntes diversas era o eclipse do humanismo, da figura do sujeito e dos conceitos que deixarem a historicidade da sua metafísica não explicitada. É plausível que a resposta a tal indagação seja negativa. Certamente, Michel Foucault não cansou de repeti-la: não é possível ser estruturalista quando os campos da sua análise, e a sua própria abordagem, foram transformados pela ruptura de ordem epistêmica com a força da qual a filosofia (francesa) fora também levada. A tarefa ao qual o “pensamento” deparava-se era, então, de articular-se em função de um discurso formal para repensar a categoria do sujeito, cujos coeficientes tornaram-se o do acontecimento e da verdade, seguida pela rearticulação conseguinte do objeto, do corpo e da vida. Estes sendo condicionados por parâmetros transcendentais de aparecimento, enquanto aqueles eram motivados pela recursividade embutida no formalismo.

Desta forma, a resposta negativa, segundo a qual o estruturalismo não poderia ser o método a pensar-se a questão do “espírito” de sistema na filosofia francesa, terá que ser acrescentada por estas teses. Ora, na ontologia formalista – matemática – articulada por Alain Badiou, é exatamente o estruturalismo e seus recursos lógico-linguísticos que foram atualizados.

A afirmação diretamente defendida por Badiou, em inúmeras circunstâncias, inclusive no seu tratamento polêmico da obra de Gilles Deleuze, é que toda grande filosofia é sistemática, ou, pelo menos, demonstra um espírito de ser tal, apesar das progressões ocorridas no entendimento dos processos de subjetivação. Esta afirmação retoma com uma tese estruturalista segundo a qual o sujeito surge por meio de processos subjacentes e imanentes que têm a ver com o espaço geral, não totalizável, a partir de qual são proporcionadas formas inusitadas e restritas de sujeito(s) que se desenvolvem, por grande parte, aquém da consciência.

No contexto da filosofia praticada na França, cabe salientar que a questão do sistema convenceu, de forma bastante devagar, demais pesquisadores a proporcionar novamente uma dimensão formalista à filosofia. No entanto, esta aplicação de sistema foi eventualmente recebida até pela corrente de filosofia analítica francesa, no estilo inconfundivelmente cético de Jacques Bouveresse, catedrático da filosofia da linguagem e do conhecimento no Collège de France. No ano 2007-8, Bouveresse dedicou-se à pergunta “*La philosophie peut-elle être systématique, et doit-elle l’être?*”, um eco ao artigo famoso de Michael Dummett dirigido ao corpus da filosofia analítica. Ao seminário fora convidada uma seleção de pesquisadore(a)s para tratar os aspectos da questão do sistema, indo do naturalismo ao próprio projeto da filosofia

analítica e aos assuntos vinculados à ontologia realista.¹ Na virada do século passado, Bouveresse já tinha evocado tanto Aristóteles quanto o formalismo de David Hilbert, na sua participação do livro coletivo dedicado à situação dos dez topoi-problemas da filosofia contemporânea, formalmente apresentada como sistema.² Ao contrário de Badiou, no entanto, o sistema adotado por Bouveresse, tal como pela tradição analítica de modo geral, decorre de o de Aristóteles, e o modo de problematizar prossegue geralmente por uma seria de posições que poderia ser denominada: “*argumentum ad scepticus*”. No final das contas, a conclusão do seminário apontava a um novo entendimento da noção de sistema, divergente da reflexão de Dummett, e vinculado, agora, a uma ontologia realista. Beirou o reconhecimento que, na tradição maior do racionalismo francês, o sistema descreve *bel et bien* o modo em que se articula a filosofia.

As tradições às quais pertencem Badiou e Bouveresse, dentro do escopo da filosofia francesa, são inelutavelmente diferentes. No entanto, ambos visam a abarcar talvez a principal dúvida em relação à qual se depara a filosofia: a concepção do real do cosmos, do universo, do mundo enquanto “trans-topoi”. Por mais precisa e verdadeira que ela é, a dúvida maior vinculada ao sistema, ao modo de procedimento no tratamento da razão, pena a escapar do domínio do autor que o criou. No sistema, encontra-se exatamente o modo de procedimento que as ciências exatas não fazem, mesmo quando se afirmam, nas abstrações da astrofísica, da epigênese, da origem da linguagem e da correlação entre atos mentais e causalidade neurosináptica, uma história evolutiva da vida, ou do universo. Há uma dispersão da figura do autor e da função da autoria que hoje em dia, mais do nunca, é uma ocorrência praticamente acidental no processo da pesquisa científica, que se faz principalmente em comunidade. Porém, na filosofia, o nome do autor domina e configura-se em saber, de maneira não dessemelhante à função do soberano em outras esferas da existência humana, e isso independentemente das estratégias da intertextualidade. Entretanto, o sistema é longe de ser específico ao modo em que a filosofia pratica-se. Cria-se, portanto, um certo acordo em torno de que o sistema é o nome que designa uma das grandes intersecções entre o estudo da razão na filosofia teórica e a organização de uma ciência empírica mediante as pressupostas dos modelos teóricos que não são sempre explicitados.

¹ A lista das intervenções pode ser consultada, e as conferências escutadas, na página do Collège de France consagrada ao seminário de Bouveresse: <<http://www.college-de-france.fr/site/jacques-bouveresse/seminar-2007-2008.htm>>.

² *Quelle philosophie pour le XXI^e siècle? L'Organon du nouveau siècle*. Paris: Gallimard, 2001.

O que propôs esta visão de sistema, refletida nas contribuições dos autores a este dossiê, na perspectiva singular da tradição excepcional de produção científica, filosófica e artística constitutiva da cultura francesa desde o Esclarecimento? No primeiro momento, não se trata de um sistema em que a ontologia designa a existência, nem tampouco as propriedades e dos termos que lhe compõem. Nesta forma, a ontologia no sistema é fiel a Heidegger. Ainda curiosamente fiel a Heidegger é a dimensão *projetiva* da ontologia, pois se trata de um sistema que afirma a questão do ser conforme a lógica da concretização da alteridade enquanto *nova* subjetividade. Mas aí ocorre, no mesmo gesto, o rompimento com Heidegger e a retomada da tradição epistemológica e estruturalista francesa, cujos maiores pesquisadores eram singularmente envolvidos, também, na política. A participação na *Résistance* contra a ocupação nazista da França durante a Segunda Grande Guerra de Jean Cavallès, Albert Lautman e Georges Canguilhem, enquanto desenvolviam a base de ideias que impactaria domínios vastos da produção científica e cultural, é amplamente documentado. Existe na tradição da epistemologia e do sistema na França uma concepção política explicitamente vinculada a um *sujeito político* focado numa emancipação radicalmente igualitária e universalista. O potencial do sistema não é apenas normativo em relação ao que deveria ser, nem tampouco descritivo do que existe. Mas, a partir do que “há”, o sistema evidencia, por estratégias de verificação, a coerência de surgimentos de práticas discursivas subjetivas em rompimento com a configuração geral do estado das coisas. A organização subjetiva, enquanto manifesta-se em demais domínios, tais como a ciência, a arte e o amor, vem na mira da análise para tentar driblar o fatalismo histórico que declara que *esta* forma de sujeito *não haverá*.

Distingue-se, então, uma tradição de conceptualização e crítica cuja palavra de ordem solicita a escuta, a disciplina e a perseverança, pois, como no reconhecimento das grandes teses do eliminativismo, não existem precondições para integrar-se a um tal sujeito indiscernível em expansão. A sua diferença arisca de permanecer numa representação antagônica enquanto o sujeito falta os meios para ser entendido. Portanto, os descobrimentos sobre a imanência pelo estruturalismo e a abertura de um espaço cognitivo após o eclipse do humanismo ditam as condições *sine qua non* para que um *discurso geral* das formas localizadas de práticas discursivas não aposta sobre a probabilidade do sujeito realizar-se, nem tampouco prometa nada. Articula-se apenas uma formalização descritiva da recursividade da ruptura epistêmica e acontecimental, tornada cognoscível pela e por meio das suas consequências.

Longe de sugerir uma volta à abstração, e o perigo da repetição solipcista em compulsões finitistas e lógicas exclusionistas, o sistema em

questão é fundamentado na alteridade e na multiplicidade irreduzíveis. O sistema propõe-se a analisar as dinâmicas e as lógicas para realizar a transformação subsequente da esfera da experiência despertada pelo eclipse do humanismo, tal como recolher os obstáculos que impedem a realização de uma nova figura subjetiva reforçada para confrontar-se de maneira mais aguda às formas de dominação atuais. O sistema responderia, assim, ao desejo da alteridade efetiva e visaria a explicitar os caminhos de uma transformação consequente em que o veículo conceitual volta a ser o sujeito, um sujeito condicionado pelo outro.

A articulação do acontecimento, enquanto novo, barraria divagações teológicas políticas pós-schmittianas em nome de um futuro inominável, de qual se sabe, pelo menos, que a sua temporalidade pode ser indistinta de a da morte. A tensão entre morte e alteridade motiva os termos de uma eventual incorporação, mas que isto possa ocorrer sem conflito, há muita dúvida, que isto diz respeito à ciência, ou à arte, à política e ao amor. Esta hipótese de sistema justifica-se na base de uma organização não hierárquica, sem origem material ou substancial, sem finalidade causalmente motivada, e intrínseca aos processos sociais de formação de subjetividades novas. De duas coisas uma: ou o sistema demonstra esta capacidade e a filosofia estimula-se dela, ou simplesmente não vale a pena insistir em sistemas.

Ao considerar as análises, as problematizações e as críticas, trata-se de um espaço de intensa argumentação, de verificação e de justificação. Articula-se num espaço político, mas também reuni, bem que em reconhecimento das relações apenas compossíveis entre eles, os campos da ciência, da arte e do amor. Estes campos manifestam-se, conforme a evidência histórica, no modo não consciente da dinâmica e da lógica de uma abertura que pretende experimentar se existe, ou não, algo inteligível além da representação, da percepção intencional, da origem imagística e da lógica clássica binária que seja, no entanto, conforme ao formalismo racional. O platonismo designa a tradição filosófica desta visão de um sujeito em sistema sem corpo dado, pois nele encontra-se a curiosa convergência conceitual e nominal da verdade, do bem e do belo. A manifestação de sistema deduz-se e recompõe-se a partir de processos históricos ainda sem sujeito, mas nunca se torna independente destes processos. O sistema é imanente aos processos e intrínseco ao(s) sujeito(s).

A torsão “epistemológica”, então, é dada: ser realista ontologicamente frente às particularidades que ainda não existem, e talvez nunca existirão, mas pelo qual a transformação fora da estagnação torna-se necessária para que uma ética possa justificar-se além de tantos simples instâncias de *éthos* e de “para-ética”, isto é, de interesse particular a classes e

corporações, quando não a grupos criminais. O “por vir” esforça-se a ser pertinente quando falta um sujeito político pelo qual se veicula. Ainda mais, o “por-vir” tencionaria a uma identificação interpretativa, investindo num sentido oculto. No entanto, no conceito de genérico, o sistema apresentar um grau de indiscernível mais retraído ainda, indiscernível, mas oriundo, de soslaio, por uma prática em recolhimento aclarado do que é discernível das normas da praticabilidade e daquilo de qual se consta a dimensão da sociabilidade.

Desta forma, é possível ver que a ética circula, na verdade, num *ecossistema*. Ela vem a ser calibrada a estas expressões, que, faltando a propensão para universalizar-se, perde o apoio do próprio sistema. Não há como defender que o sujeito seja apenas a continuidade reativa, ou que o obscurantismo místico-messiânico tenha razão a suspender a razão em nome de uma força infável em que a vida não é diferente da morte. Desta forma, a filosofia continua afirmando-se como o campo da experimentação do radialmente novo e o estabelecimento dos *safeguards* contra a satisfação humana com os dogmatismos.

Esta segunda parte do dossiê sobre ontologia e sistema na filosofia francesa atual, inicia-se com uma indicação do seu organizador, Donatien Grau. Se a minha apresentação à primeira parte deste dossiê esteve focada no círculo de pesquisadores trabalhando em torno da obra de Alain Badiou, na continuidade da investigação, encontram-se questões em torno da questão da assinatura. Deixo ao professor Grau, agrégé de filosofia, ancien aluno da ENS, e professor de letras na Université Paris Sorbonne, esclarecer mais ainda o projeto que reuniu uma dúzia de pesquisadores e escritores para pronunciar-se sobre a questão do sistema no contexto francês.

Após a apresentação, Jean-Luc Nancy, professor emérito da Université de Strasbourg, e Catedrático da European Graduate School, aborda a questão do “espírito” de sistema, e visa a analisá-lo numa interrogação sobre o que é singularmente “francês” na sua aplicação. No caminho, ele apresenta uma história do sistema a partir das suas articulações na filosofia moderna até a perspectiva de indistinção entre filosofia e literatura. Elie During faz parte do comitê editorial da coleção *MetaphysiqueS*, da Presse Universitaires de France. Ele é professor na Université de Nanterre, agrégé de philosophie, e um interlocutor de longa data de Alain Badiou. Por meio de uma análise das discussões na filosofia da ciência do início do século XX, em Bergson, William James e Albert Einstein, ele salienta a tensão no pensamento de sistema vindo de uma perspectiva aclarada da noção de *método*, e como este responda de forma mais coerente às exigências postas pela categoria crescente de multiplicidade. Tristan Garcia é um jovem filósofo, agrégé e professor na

École Cantonale d'Art de Lausanne, na Suíça. Autor de um livro notável escrito na linha do realismo especulativo, *Forme et objet: un Traité des choses*, em 2011, Garcia é também escritor. Na sua contribuição ao dossiê, Garcia demonstra a arbitrariedade das divisões filosóficas contemporâneas, e retorna ao contexto da filosofia francesa do século XIX para justificar o espírito contemporâneo de sistema que a atravessa.

Neste número, o professor Ricardo Timm de Souza, professor nos PPGs de filosofia, de letras e de ciências criminais da PUCRS, nos fez a honra de esclarecer a natureza da superação necessária da fenomenologia na filosofia de Emmanuel Levinas. Ele torna explícita a rearticulação de uma teoria do sujeito e do sentido que seja coerente com o princípio an-árquico da alteridade irreduzível. É igualmente uma honra de apresentar um artigo sobre a teoria do corpo em Jacques Lacan, contribuído pela professora Claudia Murta, doutora pela Université Paris 8 onde Alain Badiou era o seu orientador, e professora atualmente na Universidade Federal de Espírito Santo. A conexão do sistema com uma teoria adequada do corpo é um dos critérios fundamentais para que possa separar-se um sistema da autoria individual, algo reconhecido por Badiou especificamente no segundo pilar do seu sistema, na sua fenômeno-lógica do aparecimento das verdades, publicada em *Logiques des mondes*, em 2006.

Completamos este número com três artigos que, obedecendo às diretrizes editoriais quanto à limitação do número de páginas na edição impressa, são publicados sob a forma de encarte digital (somente versão eletrônica), com paginação específica, disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas>>. Nesse encarte digital constam os artigos: “Saber, abstração e poder na *Dialética do Esclarecimento*: um comentário crítico” por Verlaine Freitas; “Utopia em Jonas e Levinas” por Ozanan Vicente Carrara; e, “Sobre a generosidade: uma abordagem contemporânea da ética cartesiana” por Érico Andrade M. Oliveira.

Quero agradecer com muito carinho a equipe de tradutores: Larissa Couto, Charles Borges, Camilo Jimica, todos pós-graduandos do PPG em Filosofia da PUCRS, e especialmente Gabriela Jaquet, Mestranda CNPq no PPG em História da UFRGS, dedicada à filosofia francesa contemporânea, pela sua tradução e pelo acompanhamento do dossiê.

Norman R. Madarasz

PPGE, PUCRS